

O impacto da implantação de um campus universitário em Rio Paranaíba, MG

Ítalo Stephan

Professor Associado da UFV, Mestre e Doutor em Planejamento Urbano, STEPHAN@UFV.BR

Thaíse Latini,

Arquiteta e urbanista pela UFV, THAISELATINI@HOTMAIL.COM

Resumo

A pequenina cidade de Rio Paranaíba tem sofrido transformações a partir de 2007. Antes, com a economia baseada na produção agrícola, passou a ser uma cidade universitária. A partir daí a cidade passou por uma extraordinária expansão da área urbana. São os sinais de um progresso que chega de uma forma avassaladora e preocupante. Isso ocorre a partir da implantação de um campus da Universidade Federal de Viçosa no município. A rápida instalação dos cursos, a chegada de professores, de funcionários e de estudantes vêm provocando uma revolução sem precedentes. A demanda por moradia, transporte, alimentação, comércio, lazer dentre outras necessidades, vem gerando um crescimento desordenado, sem legislação, e sem controle. Não há muito tempo para começar a lidar com a situação antes que se torne irreversível.

Palavras-chave: planejamento urbano, urbanização, cidades pequenas, Rio Paranaíba, MG.

INTRODUÇÃO

Entre 2003 e 2009, o Brasil ganhou 110 novos campi de universidades federais nos 27 estados. Com isso, o número de municípios atendidos pelas universidades passou de 114 em 2003 para 237 até o final de 2011. Desde o início da expansão, foram criadas 14 novas universidades e mais de 100 novos campi que possibilitaram a ampliação de vagas e a criação de novos cursos de graduação. O Programa do Governo Federal de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras – REUNIⁱ foi o maior responsável pelo fenômeno da expansão. O programa elegeu como diretriz a “preocupação de garantir a qualidade da graduação da educação pública ao lado da ampliação do acesso, com o melhor aproveitamento da estrutura física e do aumento do contingente de recursos humanos existente nas universidades” (reuni.mec.gov.br).

Dados divulgados em 2012 pelo MECⁱⁱ, mostram que foram criados 2.428 cursos. O número global de docentes aumentou aproximadamente 44%, passando de 49,8 mil em 2003 para 71,2 mil em 2012. Já o número de matrículas na graduação e pós-graduação nas instituições federais, quase dobrou passando de 596,2 mil para mais de um milhão.

Em Minas Gerais, no mesmo período, foram criados 12ⁱⁱⁱ campi. Um fenômeno que trouxe e continuará modificando a realidade de várias localidades. Um desses campi é o Campus de Rio Paranaíba, da Universidade Federal de Viçosa. Rio Paranaíba é a menor das cidades brasileiras a receber um impacto de grandes consequências.

Este texto se volta principalmente ao estudo sobre o impacto da implantação de um campus universitário na dinâmica intraurbana de uma pequena localidade, com os objetivos de mostrar o precário urbanismo, sem deixar de apontar alguma das possíveis formas de amenizar o impacto e corrigir suas consequências. A localidade é a pequena cidade de Rio Paranaíba, na região Centro-oeste de Minas Gerais. Uma cidade de economia agrícola adicionou o compromisso de se tornar um centro de referência universitária do porte e reconhecimento que é a Universidade Federal de Viçosa^{iv}. Fez-se necessário apontar quem eram os principais atores e refletir sobre fenômeno transformador de Rio Paranaíba. Os atores marcantes são os prefeitos, os diretores do campus, os proprietários de terras e os agentes imobiliários. Os planejadores urbanos e a população que não se beneficiou são os atores ausentes, mais uma vez.

A base referencial deste texto foi construída principalmente a partir dos trabalhos de Roberto Lobato Correa, Ângela Endlich, Tânia Fresca, Orlando Moreira Junior, Milton Santos e Maria de Nazaré Wanderley, considerando a importância dos estudos sobre as cidades brasileiras de pequeno porte demográfico e de seu debate conceitual. Cabe acrescentar o crescimento do interesse acadêmico sobre o tema.

CAMPUS UNIVERSITÁRIO EM CIDADE PEQUENA

Primeiramente cabe discorrer sobre os conceitos de uma cidade pequena, que neste texto é uma denominação simplificada para cidades de pequeno porte demográfico. Em seguida cabe tratar do impacto de uma universidade em uma cidade.

Para Milton Santos “a organização interna de nossas cidades, grandes, pequenas e médias, revela um problema estrutural, cuja análise sistêmica permite verificar como todos os fatores mutualmente se causam, perpetuando a problemática” (SANTOS, 2009). Para Moreira Junior, as cidades de pequeno porte desempenham papéis

reduzidos na rede urbana brasileira, e apresentam uma estreita relação com o campo. Essas cidades são centros responsáveis por atender parcela significativa da população em termos de bens e serviços imediatos à sua população (FRESCA, 2001). Muitas delas são centros locais que têm a dimensão mínima, a partir da qual as aglomerações deixam de servir aos imperativos da atividade primária para servir às necessidades inadiáveis da população. São núcleos que apresentam dependência da complementação de serviços em relação aos centros de maior porte. Não basta apenas classificá-las apenas quanto aos aspectos demográficos, pois apresentam realidades distintas, por isso merecem atenção quanto aos aspectos qualitativos, como o modo de vida da população, graus de dinamismo, características econômicas e sociais, valores etc. (MOREIRA JUNIOR, 2009). São também locais privilegiados para a localização de indústrias de baixo valor adicionado e emprego de mão de obra pouco qualificada (ENDLICH, 2012).

Para Correa uma pequena cidade é, antes de tudo, um núcleo dotado de função de sede municipal. As pequenas cidades continuam um universo muito variado quando considerado um conjunto de características associadas aos núcleos urbanos e às suas hinterlândia, como, dentre outras, a matriz cultural da área, a estrutura agrária, as relações com o mercado e nível de renda (CORRÊA, 2011). As cidades pequenas conhecem uma experiência urbana frágil e precária (WANDERLEI, 2001).

Para Magdaniel

The planning and the management of the university campus are strongly tied to its urban context and knowledge cities provide with the required social and physical infrastructure that influences its development. This paper looked fundamentally at the necessity of aligning campus strategies with cities strategies in the context of the knowledge economy (MAGDANIEL, 2013)

Cidade e campus interagem entre si. A implantação de um campus não poderia ignorar o contexto do qual faz parte, as universidades e cidades deveriam desenvolver conjuntamente suas estratégias, sem perder oportunidades de dividir não apenas visões, como também recursos. As transformações urbanas requerem não apenas expertise, mas também um bom entendimento da política local para o sucesso do desenvolvimento do processo.

Para Sanfeliu, a universidade, em seus aspectos físicos (campus, edifícios etc.), imprime uma notável marca na estrutura, tecido e dinâmica urbanos. Um campus é um forte

criador de centralidade. Destaca as marcas mais visíveis, como os fluxos de mobilidade, criam uma dinâmica social e geram ao seu redor efeitos multiplicadores sobre a localização de atividades econômicas diversas como moradias estudantis, livrarias e copiadoras, bares e restaurantes, hotelaria, aluguel e compra de imóveis. Estas instalações atuam como difusores da ecologia social, mediante a incorporação ao território de setores sociais dinâmicos (jovens, classes profissionais, pessoas com graduação em nível superior) e a geração de uma dinâmica social.

A implantação de uma universidade pública em uma cidade pequena produz efeitos econômicos imediatos a partir, principalmente, do comércio e dos serviços. Chegam com ela várias demandas do capital humano e da instalação de infraestrutura antes ausente. A cidade de economia de setor primário, que recebe uma universidade pública de grande envergadura, em princípio, passa a ter condições ideais para se transformar em um polo de crescimento regional. O retorno direto e indireto para a região é inestimável, mas exige cuidados e preparos.

TRANSFORMAÇÃO

Figura 1: localização de Rio Paranaíba em Minas Gerais.



Fonte: IBGE

Rio Paranaíba deixou de ser uma cidade local, que responde às necessidades vitais mínimas da população. É uma das cidades mais antigas da região, mas com patrimônio

arquitetônico reduzido apenas à sua igreja matriz. A industrialização do campo gerou uma estrutura fundiária que diminuiu o número de pequenos proprietários e aumentou o número de assalariados. Possuiu uma demanda de bens e serviços relacionados à produção e venda de sementes e maquinários, assistência técnica, beneficiamento e embalagens (CORRÊA, 2011).

Com a implantação do CRP-UFV, Rio Paranaíba transformou-se rapidamente, passou a abrigar um campus universitário e feito sem qualquer preparação e continuou a não tomar os cuidados devidos.

Os problemas surgiram em velocidade e em grande escala, com dificuldades para sua gestão e têm sido apenas postergados e amplificados. Inicialmente, com a procura de alojamentos, moradores subdividiram suas moradias ou construíram pequenos apartamentos em seus terrenos. Rapidamente houve uma inflação nos preços de moradia. Os proprietários de terras vislumbraram oportunidades de transformar área rural em urbana, multiplicando o seu patrimônio privado. Lotes se valorizaram rapidamente e muitas pessoas ficaram ricas em poucos meses. A administração permite a expansão, sem estabelecer regras e sem medir as consequências. A UFV assistiu impassível ao fenômeno.

Como pequena cidade Rio Paranaíba tem dificuldades operacionais para levar adiante uma prática de planejamento e gestão, pela ausência estrutura administrativa de pessoal qualificado e de instrumental apropriado de trabalho. Como pequena cidade e com a premência de lidar com uma forte demanda de expansão, valem as recomendações para a implantação de um sistema de planejamento e gestão urbanos e para a elaboração do plano diretor do município^v, sem deixar de considerar a leitura e articulação nas escalas microrregional e regional (MINISTÉRIO DAS CIDADES, 2008).

Segundo os dados do Recenseamento Geral de 1950, era de 14.437 habitantes a população do município. Estimativas do Departamento Estadual de Estatística de Minas Gerais davam 15.319 pessoas como sua população provável em 31-12-1955. Em 27/12/1948, o município foi elevado à sede de Comarca. A cidade de Rio Paranaíba, segundo dados do IBGE/2010, possuía uma população de 11.885 habitantes (IBGE, 2010), sendo que cerca de 40% residia no meio rural. Rio Paranaíba é uma das 853

municípios mineiros (Figura 1). É também um dos 824 municípios com população inferior a 100.000 habitantes. (Fontes: IBGE)

A cidade de Rio Paranaíba localiza-se na Mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba de Minas Gerais, com um PIB per capita de R\$20.035,00 (o primeiro lugar de Minas Gerais), segundo o IBGE, 2008. Possui uma topografia pouco acidentada, propícia à grande produção agrícola, na qual tem por base sua economia, com destaque para a produção oriunda do Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba (PADAP) produzindo em grande escala as culturas de cebola, alho, café, batata, cenoura, soja e milho, utilizando amplamente o sistema de irrigação por pivôs centrais. Em 2000 seu IDH era de 0,755. Os pivôs centrais dominam a paisagem.

DOIS CAMPI

Em 2007, a Universidade Federal de Viçosa iniciou em uma área a 12 km do centro da cidade de Rio Paranaíba a implantação de um campus, o UFV-CRP. No local, havia uma edificação de grande porte e desocupada, que abrigaria as primeiras instalações da universidade.

Figura 2: Estudo preliminar do Plano urbanístico do Campus da UFV_CRP



Fonte: Pró-Reitoria de Administração da UFV

No entanto, vislumbrando o potencial para incrementar o desenvolvimento para a região, embora insatisfeitos com a localização do campus, alguns proprietários de terras

resolveram doar à universidade uma nova área, mais próxima à cidade, distante cerca de 3 km, de forma que o campus ficasse mais próximo. Dessa maneira a universidade mudou de endereço. A partir de então a UFV elaborou um estudo preliminar de um plano urbanístico (Figura 2), iniciou a construção de prédios (Figura 3) e vem criando novos cursos, ampliando o número de estudante, funcionários e professores. A cidade começou a receber rapidamente novos loteamentos com um vetor claro de crescimento, em direção ao campus.

O campus de Rio Paranaíba em 2012 contava com 1481 alunos, 87 docentes efetivos e 18 docentes substitutos, além de 54 técnicos administrativos. (Fonte: <http://www.portal.ufv.br/crp/>). Em 2013o processo de crescimento continuou, com a criação de cursos de mestrado, a ampliação do número de estudantes e o com o prosseguimento da contratação de professores e funcionários.

Figura 3: primeiras construções do campus CRP-UFV



Fonte: UFV

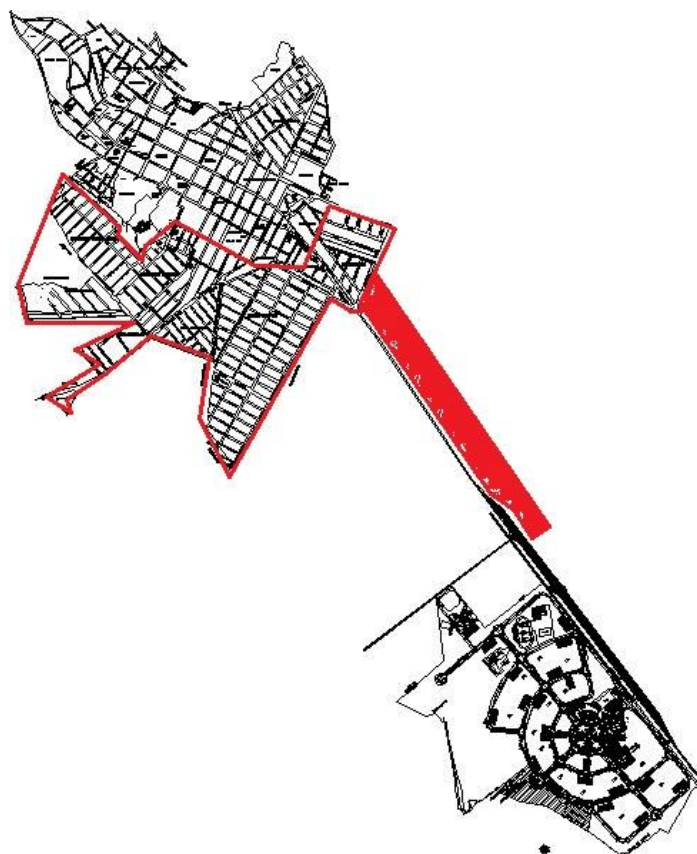
Assim, nos documentos oficiais do governo federal sobre a implantação do REUNI, no Plano de Desenvolvimento Institucional da UFV, para o período 2012-2017, nada consta sobre a questão do impacto gerado pela instalação do campus em Rio Paranaíba.

A CIDADE SE EXPANDE

Sem preparação, sem preocupação, sem cuidados, sem regras, a criação dos cursos trouxe os impactos previsíveis. No discurso federal, na lei de criação do REUNI^{vi}, em

avaliações posteriores à implantação do programa^{vii}, no discurso da UFV não há nenhuma linha abordando a questão.

Figura 4: Expansão da malha urbana de Rio Parnaíba. O polígono em borda vermelho é a expansão entre 2009. O polígono cheio é o loteamento implantado em 2013, chegando ao CRP-UFV.



Fonte: autores.

Entre 2009 e 2012, a área urbana de Rio Paranaíba expandiu 79%, uma taxa extraordinária. Em 2007, antes da implantação do campus a cidade possuía uma área urbanizada de cerca de 180 hectares. Após a implantação do campus, esse cenário se transformou com um acréscimo de 143 hectares no período. Surgiram vários novos parcelamentos de terra, ultrapassando dois mil novos lotes. Essa oferta seria suficiente para abrigar cada nova família em uma residência isolada nas próximas duas décadas. Isso enriqueceu alguns empreendedores, entretanto foi o início de uma série de

problemas graves que serão agravados quando ocorrerem em um futuro não muito distante. Erguem-se rapidamente prédios e residências unifamiliares em bairros novos, um sinal de riqueza. Ao mesmo tempo, isso ocorre em um meio em que não há regras para controle do uso e ocupação do solo, ou seja, não há critérios, legislação urbanística ou fiscalização das construções. A partir de 2012, outros parcelamentos de terra foram iniciados e chegaram em frente ao campus (Vide Figura 4). A cidade se expandiu velozmente a uma densidade muito baixa. (Figura 5)

Os novos loteamentos estão sendo implantados sem a preocupação com uma malha viária harmonizada, interligada por vias arteriais. Os parcelamentos do solo estão sendo feitos sem que seja construído um adequado sistema de drenagem urbana. Neles inexistem ou são insuficientes áreas verdes ou áreas institucionais destinadas ao município, aquelas que foram projetadas para tal uso, foram subdivididas e distribuídas, sob critérios politiqueiros, como lotes a parentes e amigos.

Figura 5: Vista aérea de Rio Paranaíba- MG



Fonte: Wikipédia, 2013.

A pavimentação feita é precária, sem meios-fios e arborização. As futuras administrações só terão áreas para construir creches, escolas, postos de saúde, etc., se as adquirirem ao preço de mercado. Cada proprietário constrói do seu jeito. Casas são erguidas sem afastamentos e chegam a ocupar cem por cento do terreno. A cidade cresce com casas com iluminação natural prejudicadas, mal ventiladas e com privacidade prejudicada. Os bairros e casas ficarão mais quentes pela falta de vegetação.

As enchentes serão mais constantes, pois os pisos impermeabilizados jogarão as águas das chuvas imediatamente para as ruas, sem a devida estrutura de drenagem.

Embora esteja em uma área desenvolvida do estado, mas não livre do uso indiscriminado de agrotóxicos, a água está exposta à pulverização com defensivos agrícolas. Rio Paranaíba se expande sem planejamento urbano. O lixo é recolhido em um “lixão” a céu aberto, juntamente com o lixo hospitalar. A energia elétrica sofre cortes, principalmente no final da tarde, quando os pivôs são ligados nas plantações. A qualidade de vida tende a piorar, na medida em que a universidade for crescendo. Sem um setor de planejamento urbano, uma legislação urbanística e fiscalização, a prefeitura fica à mercê dos construtores e especuladores imobiliários, como acontece em outras cidades. A expansão descontrolada custará muito caro aos cofres do município, pois, para locais de ocupação rarefeitas, serão necessários levar a infraestrutura de água e esgotos, manter a pavimentação, varrer as ruas, recolher o lixo, levar transporte coletivo e rondas policiais.

Em 2012, foram iniciados trabalhos para a elaboração do plano diretor, mas o processo não avançou e tal fato deveria ser motivo de interesse por parte do município e dos administradores da UFV. Em uma única reunião pública realizada com a intenção de consolidar os trabalhos da elaboração do plano diretor, moradores antigos e novos reclamam dos graves problemas surgidos com essa mudança. Alguns professores da UFV-CRP, com graduação em Arquitetura e Urbanismo, com preocupação, chegaram a se manifestar a respeito do processo de expansão urbana c.

A população reconhece a implantação do Campus universitário como um grande avanço para a cidade, mas faz grandes ressalvas. As opiniões mostraram problemas como o aumento do custo de vida, o risco de uma epidemia de hantavirose, a perda de identidade cultural, o aumento da insegurança e o barulho provocado pelas festas dos estudantes. Sobre os aspectos físicos e estruturais foram apontados problemas como a má qualidade e a inacessibilidade das calçadas, as más condições da pavimentação das vias, as complicações do trânsito e a ausência de arborização. Sobre planejamento urbano destacaram-se a falta de fiscalização das construções, a necessidade de gestão de

resíduos sólidos, a drenagem das águas pluviais, o tratamento de esgotos e a carência de áreas para esportes e lazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No discurso do governo federal e da UFV, sobram números portentosos do alcance do REUNI, mas não houve cuidado na preparação da base físico e estrutural da convivência de um novo campus em uma diminuta cidade. Os problemas de Rio Paranaíba surgiram como consequência da criação do campus e vão se agravando em função de sua expansão.

A presença de uma universidade federal, na cidade, deveria ser vista como um momento de diálogo e de ações promovidos entre a comunidade acadêmica, o poder público, o setor privado e a comunidade Rio Paranaibana, para que os quadros de possíveis problemas e, por que não, o de oportunidades a serem exploradas, fossem discutidos. Por se tratar de uma forte instituição de ensino, a UFV possui grandes responsabilidades sociais e responsabilidades de cunho urbanístico, juntamente com a administração pública municipal, já que é a principal responsável por essas significativas mudanças.

Implantar um campus universitário deveria ser objeto de diversos estudos anteriores à sua realização e de uma série de cuidados durante sua implantação. Os impactos ambientais, sociais, econômicos e culturais são marcantes em cidades de qualquer porte. No caso da pequena cidade de Rio Paranaíba, onde em cinco anos a comunidade universitária se tornou um percentual da população dependente do adequado funcionamento da cidade, não houve avanços no planejamento urbano. A ação de planejamento físico territorial da UFV se restringiu ao projeto do campus, e a prefeitura de Rio Paranaíba se encantou com o progresso gerado, sem ter avançado e se instrumentado de forma a lidar minimamente com a veloz expansão da cidade.

Rio Paranaíba, em três séculos de existência, pouco evoluiu em dimensões e em número populacional. A cidade era considerada tranquila, e sua infraestrutura atendia às necessidades da população. Com a implantação do campus, essa realidade mudou

drasticamente. A cidade se transformou em um canteiro de obras.

Por parte da administração municipal não há discurso e nem interesse real sobre o planejamento urbano. O enriquecimento dos proprietários de terras bem como o imediato e falso progresso são estimulados e comemorados de forma inconsequente. O planejamento urbano parece apenas ser um empecilho para o franco desenvolvimento.

A cidade e o campus continuarão a crescer. Embora o começo da convivência não tenha sido preparado, é imprescindível estabelecer as futuras regras referentes ao crescimento e desenvolvimento urbanos. O diálogo deveria ser reaberto, o processo de cooperação e de planejamento integrado entre Rio Paranaíba e o campus deveria avançar muito além do , por um breve momento, aconteceu. O planejamento urbano deveria ser entendido como um processo para direcionar adequadamente a implantação de áreas habitacionais e uma rede viária estruturadora, além da dotação dos equipamentos e espaços públicos imprescindíveis. É necessária a rápida elaboração de um conjunto de regras para ocupação e uso do solo e a montagem de uma essencial estrutura de gestão da política urbana e de fiscalização das construções.

Adiciona-se aqui a importância de se lidar com a dimensão política, através da discussão entre os agentes envolvidos na formação da cidade e no afloramento dos conflitos em um processo aberto e representativo que lide com esses aspectos. Embora improvável esta é a única maneira, essencial, capaz de transformar a realidade da política urbana de Rio Paranaíba, de forma a reduzir os danos e impedir o surgimento de outros impactos danosos.

Referências

BRASIL, Ministério das Cidades. Plano Diretor Participativo: guia para elaboração pelos Municípios e cidadãos. ROLNIK, Raquel; Pinheiro, Otilé Macedo (Coord.) Brasília: Ministério das Cidades, Confea, 2008.

_____. Ministério da Educação. Análise sobre a Expansão das Universidades Federais -2003 a 2012; Relatório da Comissão Constituída pela Portaria nº 126/2012, Brasília, 2012.

- CORRÊA, Roberto Lobato. **As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural**. GEOUSP – Espaço e tempo, São Paulo, n. 30, pp. 05-12, 2011.
- ENDLICH, Ângela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades**. São Paulo: UNESP, 2009.
- FRESCA, Tânia Maria. **Em defesa dos Estudos das Cidades Pequenas no ensino de Geografia**. Geografia, V. 10, n. 1., p. 27-33, Londrina, Jan./jun. 2001.
- LATINI, Thaíse. **O impacto da Implantação de um campus universitário em Rio Paranaíba, MG**. (Monografia de conclusão de curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Viçosa). Viçosa: DAU/UFV, 2013.
- LEITE, Carlos. **Cidades sustentáveis, cidades inteligentes: desenvolvimento sustentável num planeta urbano/ Carlos Leite, Juliana di Cesare Marques Awad**. Porto Alegre: Bookman, 2012.
- MAGDANIEL, Flavia Curvelo. The university campus and its urban development in the context of the knowledge economy. Department of Real Estate & Housing Delft University of Technology, Delft, The Netherlands. Disponível em: <http://www.eura2013.org/media/Full_papers_Track_5/127_Curvelo-Magdaniel_The_university_campus_and_its_urban_development_in_the_context.pdf> Acesso em 21 abr. 2014.
- MATTOS, Marcelo Badaró. **Expansão ou Escolão?** CADI UFES, Out. de 2007. Disponível em:
< <http://cadiufes.wordpress.com/2007/10/26/reuni/>> Acesso em 25 abr. 2014.
- MOREIRA JUNIOR, Orlando. **Cidades pequenas: Territórios da Exclusão?** XIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisas em Planejamento Urbano e Regional. 2009.
- SANFELIU, Carmen Bellet. **La inserción de la universidad en la estructura y forma urbana. el caso de la Universitat de Lleida**. Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, Vol. XV, núm. 381, 20 de noviembre de 2011.

SANTOS, M. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Edusp, 2009.

SPOSITO, M.E.B. WHITACKER, A.M. (org.). **Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Plano de Desenvolvimento Institucional**
- PDI - UFV/2012 -2017. Disponível em:
<http://www.pdi.ufv.br/docs/PDI_29_05_12.pdf> Acesso em 21 de abril 2014.

VILLAÇA, Flávio. **Reflexões Sobre as Cidades Brasileiras**. São Paulo: Studio Nobel, 2012. 86.

WANDERLEY, Maria de Nazaré Baudel. **Urbanização e ruralidade: relações entre a pequena cidade e o mundo rural**. Estudo preliminar sobre os pequenos municípios em Pernambuco, Recife, 2001. Disponível em:
<<http://www.fundaj.gov.br/observanordeste/obed001f.html>>. Acesso em 04 nov. 2011.

ⁱ Instituído pelo Decreto Presidencial 6.096, de 24 de abril de 2007, com o objetivo de dar às instituições condições de expandir o acesso e garantir condições de permanência no Ensino Superior. O REUNI tem como diretrizes a redução das taxas de evasão; a ocupação das vagas ociosas e o aumento do número de vagas ofertadas, principalmente no turno da noite.

ⁱⁱ Análise sobre a Expansão das Universidades 2003 a 2012 feito pelo Ministério da Educação (MEC) em parceria com entidades que atuam no setor.

ⁱⁱⁱ Campi implantado em Minas Gerais no período 2003-2009: (2005 – Campus Avançado de Mucuri, Portal, Florestal, Rio Paranaíba -2006, Alto Paraopeba, Congonhas, Dona Lindu, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas e Itabira - 2008, Sete Lagoas, Poços de Caldas e Varginha – 2009).

^{iv} A UFV é reconhecida como uma das melhores universidades do país. Possui cerca de 14 mil estudantes e 2 mil de pós-graduação em Viçosa. Além dos campi de Viçosa e de Rio Paranaíba, possui o campus de Florestal, na região metropolitana de Belo Horizonte.

^v Quase desnecessário dizer que, embora tenha menos de vinte mil habitantes, Rio Paranaíba estaria inserida na área de influencia de empreendimentos de impacto ambiental (Estatuto da Cidade, Art. 41, Inciso V).

^{vi} Concluído oficialmente em dezembro de 2012.

^{vii} Análise sobre a Expansão das Universidades Federais, 2003 a 2012, Brasília, 2012.